

**JORNALISMO E LITERATURA: GÊNEROS COMO INDICAÇÕES DE
COMPLEXIFICAÇÃO NARRATIVA NAS OBRAS NÃO-BIOGRÁFICAS DE
FERNANDO MORAIS**

Diana de Azeredo¹
Daiana Stockey Carpes²
Isadora Trilha³
Rodrigo Bartz⁴
Demétrio de Azeredo Soster⁵

RESUMO

Este artigo integra os esforços do grupo de pesquisa “Jornalismo e Literatura: Narrativas Reconfiguradas” para observar os sentidos que emergem da intersecção de dois modelos de narrativa - a jornalística e a literária - nas obras não-biográficas de Fernando Morais, objeto deste estudo. Tomando consciência das transformações que ocorrem, tanto no que é da ordem do jornalismo como da literatura, percebe-se que faltam gramáticas para explicar esse fenômeno. Para auxiliar nesta compreensão, realiza-se uma releitura sobre gêneros jornalísticos e teoria da narrativa, além de estudar a midiatização e as produções de Morais, observando como se estabelecem as intersecções entre o jornalismo e a literatura. Como resultado inicial, é possível afirmar que os modelos distintos de textos operam como indexadores/indicadores de uma estrutura mais complexa no dispositivo livro-reportagem.

Palavras-chave: Jornalismo. Literatura. Narrativa.

ABSTRACT

This paper integrates the efforts of this research group to observe the meanings that emerge from the intersection of two models of narrative, journalistic and literary, in non - biographical works of Fernando Morais, our object of study. Aware of the changes that occur, both in what is the order of journalism as literature, realized missing grammars to explain this phenomenon. To aid in this understanding, we conducted a retelling of journalistic genres and narrative theory, in addition to studying the media coverage and the productions de Morais, watching as they settle the intersections between journalism and literature. The results of our first year of work we produce and present articles in two conferences and present summaries in three meetings. Considering the analysis already undertaken, it is clear that different models of texts operate as indexes / indicators of a more complex structure in book - entry device.

Keywords: Journalism. Literature. Narrative.

¹ Estudante de Graduação do Curso de Comunicação Social da Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC. <azeredo_diana@yahoo.com.br>

² Estudante de Graduação do Curso de Comunicação Social da Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC. <daiacarpes@hotmail.com>

³ Estudante de Graduação do Curso de Comunicação Social da Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC. <isadora.trilha@gmail.com>

⁴ Mestre do PPG Letras da da Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC. <rodrigobartz@mx2.unisc.br>

⁵ Professor, coordenador do Curso de Jornalismo e professor-pesquisador do PPG Letras da Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC. <dsoster@uol.com.br>

1 GÊNEROS EM NARRATIVAS COMPLEXIFICADAS

Este estudo observa os sentidos que emergem da intersecção de dois modelos de narrativa - a jornalística e a literária - em formatos específicos de publicação de natureza jornalístico-comunicacional, genericamente chamados de livros-reportagem e biografias jornalísticas. Apesar de suas origens remontarem ao século 13, o fenômeno da imbricação requer maior atenção se considerado dentro do contexto da midiaticização. Em contrapartida ao crescimento do interesse do mercado editorial voltado para essas publicações, faltam conceitos para auxiliar na compreensão desse fenômeno.

Portanto, este estudo observa as reconfigurações decorrentes da utilização, por parte do jornalismo, de recursos da narrativa de natureza literária que acabam por transformar tanto o que é da ordem do jornalismo como da literatura em uma perspectiva dialogal. O objeto de estudo são os livros-reportagens de Fernando Morais, que contempla, resumidamente, o resultado de um ano de esforços que visaram à análise das obras e à produção e apresentação de artigos e resumos em encontros da área.

2 TEORIAS, PISTAS E RECONFIGURAÇÕES

No início de 2013, quando começaram os trabalhos do grupo, pode-se perceber a necessidade de observar o fenômeno a partir de três teorias: sistêmica, nos moldes de Luhmann (2009); jornalística, pelo viés dos gêneros; e, finalmente, narrativa, por meio da narratologia, em uma visada mais dialogal do que totalizante. No que diz respeito ao olhar sistêmico, como pode ser observado (SOSTER, 2009, 2009-a, 2009-b, 2011 e 2012), os sistemas jornalístico e literário, por meio do acoplamento estrutural, dialogam entre si em suas operações, causando afetações as mais diversas em um e outro. Chamamos esses movimentos de dialogia, ou seja, a capacidade que um sistema tem de dialogar com outro sistema em um determinado ambiente, provocando reconfigurações em ambos (SOSTER, 2013). É importante observar que os diálogos entre os sistemas se dão a partir dos dispositivos de um e outro. O caso do dispositivo livro-reportagem, objeto de atenção, ilustra o que se pretende discutir neste artigo.

Nessa perspectiva, entende-se que o livro, quando em forma de livro-reportagem, mais que um objeto de leitura, transforma-se em elemento constituinte e definidor do sistema em que se insere, nesse caso o jornalístico, que é formado por jornais, revistas, televisões,

sites e rádios no que eles têm de exercício da prática. Ao fazê-lo, passa a repetir em seu interior as dinâmicas processuais do sistema como maneira de fortalecer sua autonomia frente aos demais dispositivos. Isso ocorre para ser reconhecido como tal e viabilizar suas próprias operações (SOSTER, 2009).

Em uma perspectiva dialógica, considerando o acoplamento estrutural entre os sistemas jornalístico e literário, por exemplo, um dos mecanismos por meio dos quais o sistema fortalece suas distinções frente aos demais sistemas, tornando-se “diferença que provoca diferenças”, e ao meio com o qual igualmente dialoga, é pelo viés de afetações que se verificam no interior dos dispositivos (LUHMANN, 2009). No caso do jornalismo, essas transformações se dão nas esferas de produção, oferta, circulação, recepção e reconhecimento de sentidos. Sua observação se mostra possível, a título de estratégia de abordagem, no âmbito da produção e posterior oferta de sentidos, pelo viés da análise das narrativas textuais encontradas nos dispositivos. Isso porque

(...) a narrativa não se concretiza apenas no plano da realização estética própria dos textos narrativos literários; ao contrário, por exemplo, do que ocorre com a *lírica*, a narrativa desencadeia-se com frequência e encontra-se em diversas situações funcionais e contextos comunicacionais (narrativa de imprensa, historiografia, relatórios, anedotas etc.), do mesmo modo que se resolve em suportes expressivos diversos, do verbal ao icônico, passando por modalidades mistas verboicônicas (história em quadrinhos, cinema, narrativa literária, etc.) (REIS; LOPES, 1988, p. 66).

A escolha se justifica porque é nesse âmbito, no da narrativa (nesse caso, jornalística), que se localizam o que chamamos genericamente de *gêneros narrativos*. Ou seja, categorias e suas formas que nos permitem, em uma perspectiva sócio-discursiva, compreender os enunciados jornalísticos a partir dos traços estruturais que têm em comum e sua intencionalidade elocutiva.

Para fins dessa pesquisa, serão admitidas, portanto, como jornalísticos, em consonância com a categorização proposta por Marques de Mello (2010), as categorias informativo, opinativo, diversional, interpretativo e utilitário, cuja descrição será apresentada mais adiante. Já a narratologia, aqui entendida como o estudo da forma por meio da qual a narrativa se estabelece, nos servirá de instrumento para a perceber, nos enunciados identificados e já demarcados quanto à sua genealogia, no segundo momento dessa pesquisa, o que emerge dessas formas de dizer específicas, de nuances literárias em contextos jornalísticos.

3 METODOLOGIA APLICADA EM TABELAS

Para cumprir análise das obras não-biográficas de Fernando Morais, realizamos uma releitura sobre gêneros em jornalismo, bem como de alguns conceitos-chave, caso do livro-reportagem e da bibliografia de natureza jornalística. Então, partimos para movimento semelhante em direção à teoria da narrativa. O terceiro movimento diz respeito ao estudo da midiaticização, e, nela, da midiaticização do jornalismo, em particular no que ela tem de dialogal.

A quarta etapa desta pesquisa foi dedicada a observar o estado da arte do jornalismo diversional nos dias que se seguem, em termos de Brasil. No quinto e último passo, de natureza estrutural, foi buscado estudar as produções de Morais, observando como se estabelecem as intersecções entre o jornalismo e a literatura. Para tanto, desenvolvemos uma tabela de gêneros. Nesta foram mencionadas as cinco categorias de classificação dos textos jornalísticos propostas por José Marques de Melo (2010) – informativo, opinativo, interpretativo, diversional e utilitário. Com a aplicação dessa metodologia pode-se permitir a identificação, nos capítulos de cada obra, dos excertos que caracterizam a diversidade de categorias e gêneros utilizados na análise. Neste método, é informada a incidência da categoria, bem como mencionado o gênero/formato, com o objetivo de melhor caracterizar a categoria, além de ser transcrito o excerto. A quantidade de trechos selecionados varia a cada análise, sem prejuízo à exemplificação. Apesar de manter o mesmo eixo metodológico, ou seja, utilizar as mesmas diretrizes, cada pesquisador realizou a aplicação individualmente. Em relação ao gênero foi utilizada, na pesquisa, a sistematização proposta por Costa (2010, p. 43).

Na categoria Informativo, são definidos quatro gêneros. A Nota é o relato de acontecimento que está em processo de configuração. Nem todos os elementos da notícia (*lead*) são conhecidos. A Notícia é o relato integral de um fato. Deve responder às seguintes questões: “o quê?”, “quem?”, “quando?”, “onde?”, “como” e “por quê?”. A Reportagem é um relato ampliado de acontecimento que produziu impacto social. Trata-se do aprofundamento dos fatos de maior interesse público. Já a Entrevista é um relato que privilegia a versão de um ou mais protagonistas dos acontecimentos. Não se confunde com técnica de apuração dos fatos. Mecanismo que dá voz aos agentes da cena jornalística.

A categoria Opinativo é composta por oito gêneros. O Editorial expressa a opinião da empresa diante dos fatos de maior repercussão do momento. O Comentário explica as notícias, seu alcance, suas circunstâncias, suas consequências. Nem sempre emite uma opinião explícita. Por meio do Artigo, jornalistas e cidadãos desenvolvem ideias e apresentam opiniões. Contém julgamentos mais ou menos provisórios. A Resenha é a apreciação das

obras de artes ou dos produtos culturais, com a finalidade de orientar a ação dos fruidores e consumidores. Não tem intenção de oferecer julgamento estético, e sim utilitário.

A Coluna trata-se de um mosaico estruturado por unidades curtíssimas de informação, caracterizando-se pela agilidade e pela abrangência. A Crônica gira em torno da atualidade, captando com argúcia e sensibilidade o dinamismo da notícia que permeia toda a produção jornalística. A Absorvida pela imprensa com sentido opinativo, a Caricatura é uma ilustração que, em sua origem, corresponde a ridicularizar, satirizar, criticar. Por fim, a Carta é um espaço por meio do qual os cidadãos dialogam com o jornalismo.

Na categoria Interpretativo, são definidos quatro gêneros. O Dossiê é um mosaico destinado a facilitar a compreensão dos fatos noticiosos, condensação de dados sob a forma de “boxes”, ilustrados com gráficos, mapas ou tabelas. É uma matéria destinada a complementar as narrativas principais da edição. O Perfil, relato biográfico sintético, identifica os agentes noticiosos, focaliza os protagonistas mais frequentes da cena jornalística, incluindo figuras que adquirem notoriedade ocasional. A Enquete é um relato das narrativas ou pontos de vista de pessoas aleatoriamente escolhidas. Destina-se a acionar os mecanismos psicológicos de “projeção” ou “identificação”. Já a reconstituição do acontecimento de acordo com variáveis temporais (ano, semana, século, etc.), destinada a reconstituir o fluxo das ocorrências, permitindo sua melhor compreensão, chama-se de Cronologia.

A categoria Utilitário é composta por quatro gêneros. Primeiramente, tem-se o Indicador, que são os dados fundamentais para a tomada de decisões cotidianas, caso da meteorologia, cenários econômicos, etc. A Cotação engloba os dados sobre a variação dos mercados. O Roteiro reúne os dados indispensáveis ao consumo dos bens simbólicos, caso do teatro, cinema, etc. Por fim, o Serviço abrange informações destinadas aos interesses dos usuários dos serviços públicos ou privados. Por exemplo, horários de bancos. etc.

Dividida em dois gêneros, identifica-se, como quinta categoria a Diversional. Nela, está a História de Interesse Humano, narrativa que privilegia facetas particulares dos “agentes” noticiosos. Recorrendo a artifícios literários, emergem dimensões inusitadas dos personagens anônimos ou traços que humanizam os olímpianos. Por fim, a História Colorida contém relatos de natureza pictória, privilegiando tons e matizes na reconstituição de cenários noticiosos. Trata-se de uma leitura impressionista, que penetra no âmago dos acontecimentos, identificando detalhes enriquecedores, capazes de iluminar a ação de agentes principais e secundários.

4 PRIMEIRAS DESCOBERTAS

Sem a necessidade de quantificar os excertos, relacionamos, a seguir, algumas descobertas que exemplificam as análises.

4.1 Transamazônica

A análise do texto de Fernando Morais (1970) “Primeira aventura na estrada”, trecho de abertura da obra “Transamazônica”, foi realizada a partir da aplicação da tabela desenvolvida para esta pesquisa em cada um dos 11 capítulos do referido texto. Os indexadores utilizados foram os indicativos de quilometragem existentes no alto de cada página de abertura dos capítulos, que fazem alusão aos quilômetros rodados pela equipe na estrada (KM 10, KM 500, KM 1879 etc.). Uma primeira observação é que, ao longo de todos os capítulos, temos uma mesma lógica de incidência de categorias. Ou seja, em todos os 11 capítulos incidem textos informativos, opinativos, interpretativos e diversionais, menos utilitários.

No caso dos relatos informativos, o gênero mais usualmente encontrado é a entrevista, enquanto que, no opinativo, o comentário. Abaixo, retirado da abertura do livro, no quilômetro 0, um exemplo do que podemos entender como integrante do gênero entrevista:

O dono do bar pede desculpas por ainda não ter a foto do presidente Médici: Estamos esperando aparecer por aqui uma revista com um bom retrato dele na capa. Já vi alguns em jornais velhos, mas até agora nenhum colorido. Vou esperar as revistas do Rio (MORAIS, 1970, p. 2).

Entende-se que este texto trata de uma entrevista, na perspectiva dos gêneros jornalísticos, à medida que a narrativa empresta voz aos agentes da cena jornalística, nesse caso, um anônimo “dono do bar”.

Algo semelhante se estabelece com a opinião, no caso um comentário, como se observa na página quatro do mesmo capítulo: “Mesmo que seja para varrer uma estrada de terra, o importante é não deixar que morram de fome os que puderem e quiserem trabalhar” (MORAIS, 1970, p. 4). Temos, com um ponto de vista identificado, a explicação, por parte de quem narra, do porquê de as pessoas ouvidas pelos repórteres serem contratadas pelos mutirões no Nordeste, à revelia da função que exerçam nessa empreitada; o que ocorre

imediatamente após o texto descrever a existência desses trabalhadores braçais em pleno sertão nordestino.

O perfil, como gênero da categoria interpretativo, foi encontrado em todos os capítulos na análise, enquanto que, na categoria diversional, os textos dividiram-se em histórias de interesse humano e histórias coloridas. Isso se observa, por exemplo, à página dez do quilômetro 500 da estrada.

Chega ao bar um vaqueiro jovem, montado num cavalo muito magro. Desce e começa a contar seus problemas: passou o dia inteiro tentando vender seu cavalo por 130 cruzeiros. Com esse dinheiro, pretendia pagar 100 ao patrão e gastar o resto na viagem com a família: mulher e sete filhos. Chico dos Santos, o vaqueiro, não sabe para onde ir, mas sabe que qualquer lugar será melhor que Farias Brito. Das dez quartas de arroz que colheu (cada quarta são 42 quilos), pagou cinco ao patrão, que é o dono da terra e tem sempre direito à metade de tudo o que for produzido nela (MORAIS, 1970, p. 10).

Note-se que temos, aqui, um relato biográfico sintético, que identifica os agentes noticiosos e tem seu foco inclusive em protagonistas que adquirem notoriedade ocasional, caso do jovem Chico dos Santos, vaqueiro, que pretende vender seu cavalo e, com isso, pagar suas dívidas e se mudar para um lugar melhor.

Logo adiante temos dois gêneros da categoria diversional, a começar por uma história de interesse humano:

Em Altaneira, resolvemos acordar o prefeito para conversarmos sobre a cidade. Quando José Rufino de Oliveira, o prefeito, soube que estávamos na cidade para falar da Transamazônica, mandou acordar sua mulher, pediu à filha mais velha que fosse preparar um cafezinho, encarregou um garotinho de acordar os vereadores, comerciantes e toda a gente importante da cidade (MORAIS, 1970, p. 11).

Em termos de história colorida, selecionamos o trecho abaixo para ilustrar nossa perspectiva:

Sáimos por um beco, atravessamos um quintal, passamos dentro de um riacho, com a camioneta em primeira, subimos num barranco esburacado e tomamos o caminho de Altaneira. Quinze minutos depois pensávamos se não teria sido melhor dormir nas pensões imundas de Farias Brito mesmo. Naquela estrada não conseguíamos sequer engatar uma segunda na camioneta e andamos o tempo todo sem que o ponteiro do velocímetro se mexesse: era uma trilha para burros ou, no máximo, para jipe com tração nas quatro rodas (MORAIS, 1970, p. 11).

No primeiro excerto, observa-se a valorização de facetas particulares dos agentes em questão, fazendo emergir, desse processo, dimensões inusitadas do mesmo. Nesse caso, um

prefeito que administra sua cidade como uma espécie de feudo do agreste, onde todos agem a partir de sua vontade. No segundo, um relato impressionista dos cenários por onde a equipe passou.

4.2 A Ilha - Um repórter brasileiro no país de Fidel Castro

No caso de “A Ilha - Um repórter brasileiro no país de Fidel Castro” (MORAIS, 1984), optamos pelo agrupamento dos capítulos em dois blocos – um a seis e sete a onze – para a aplicação da tabela. O indexador utilizado foi o título de cada capítulo. No primeiro bloco, comparando-se com a obra anteriormente analisada, dois pontos merecem particular atenção. O primeiro diz respeito à diversidade de categorias encontradas na amostra: informativo, opinativo, interpretativo e diversional, menos utilitário. Trata-se da mesma variação existente em “Transamazôniza” (MORAIS, 1970). No que toca aos gêneros que compõem essas categorias, há uma maior variedade, no entanto, na categoria interpretativo. Foram encontrados nesta obra os gêneros dossiê, perfil, cronologia e enquete, enquanto que, na diversional, histórias coloridas e histórias de interesse humano.

Alguns exemplos da diversidade de gêneros na categoria interpretativo, a começar pelo dossiê: na página 43, existe uma tabela com a quantidade e valor a ser pago pelos produtos convertido em cruzeiros. Um pouco antes, na página 42, há um exemplo de perfil, ou seja, relato biográfico sintético, identificando os agentes noticiosos:

Juan Martinez Tinguao, amigo pessoal de Fidel, a quem ajudou a editar um jornalzinho clandestino antes da revolução, é hoje funcionário do Instituto Nacional da Indústria Turística. Fuma de dez a quinze charutos “Cazadores” por dia (MORAIS, 1984, p. 42).

Um exemplo de cronologia:

Logo depois que Fidel chegou ao poder, o turismo externo praticamente acabou em Cuba. De um lado, pouca gente se “arriscava” a passar as férias lá, em plena revolução. Do lado cubano, o governo acabou com os grandes atrativos que levavam à Ilha, anualmente, 250 mil estrangeiros (MORAIS, 1984, p. 26).

A mesma lógica se verifica no segundo bloco, do capítulo sete ao onze, com a diferença, na comparação, que são encontrados, aqui, somente dois gêneros da categoria interpretativo – perfil e cronologia – e somente um da diversional, ou seja, história colorida: “Na saída do bar, um soldado se aproxima e oferece quatro charutos *criollos*, feitos a mão,

‘em homenagem ao Brasil’, e com uma recomendação: ‘Pode dizer lá que você fumou o melhor charuto do mundo, feito na Província de Camaguey’” (MORAIS, 1984, p. 112).

4.3 Corações sujos

A análise do texto “Corações Sujos” (MORAIS, 2011) teve como indexadores os capítulos da referida obra. Uma vez mais, nos primeiro e segundo capítulos encontramos as categorias informativo, opinativo, interpretativo e diversional, menos utilitário. Na categoria informativo, por exemplo, temos o gênero entrevista. No excerto destacado, a entrevista permite que outros agentes da narrativa tenham também voz, como o Deputado Miguel Couto ao referir-se à lei de restrição da entrada de japoneses no Brasil: “Miguel Couto respondeu com uma declaração teatral: ‘Se a emenda não for aprovada, só me resta ensinar japonês aos meus netos, porque a qualquer momento o Brasil será presa do Japão’” (MORAIS, 2011, p. 32).

Mesmo que, sucintamente, percebemos a categoria opinativo em alguns trechos da obra. No primeiro excerto notamos a crítica ao desmatamento sem precedentes, em que a economia cafeeira derrubara as matas no oeste paulista: “Apesar do primeiro susto, seguiram confiantes rumo ao oeste paulista, cujas matas estavam sendo derrubadas para dar lugar à onda verde dos cafezais” (MORAIS, 2011, p. 25). Já no segundo excerto, classificado também como opinativo, temos uma crítica ao conhecido “jeitinho” brasileiro: “Ainda que aparentemente decididos a não se integrar ao novo país, os japoneses acabavam caindo em tentações bem brasileiras, como o jogo do bicho” (MORAIS, 2011, p. 30).

Em se tratando da categoria interpretativo encontramos os gêneros perfil e cronologia. No gênero perfil, destacamos um excerto - a chegada dos japoneses à delegacia: “Como espectros que tivessem surgido do nada, às nove horas da noite sete japoneses descalços, com idades variando entre vinte e 41 anos, sérios e com ar decidido, postaram-se diante da delegacia de polícia” (MORAIS, 2011, p. 15). Apontamos, também, o gênero cronologia, que aparece logo no início da obra, quando o imperador Hiroíto declara sua condição humana por exigência dos vencedores da Segunda Guerra: “Eram pontualmente nove horas da manhã do dia 1º de janeiro de 1946 quando ela soou nos alto-falantes dos rádios de todo o Japão” (MORAIS, 2011, p. 9).

4.4 Os últimos soldados da Guerra Fria

Para analisar o livro-reportagem “Os últimos soldados da Guerra Fria” (MORAIS, 2011), preenchemos 15 tabelas, uma para cada um dos 15 capítulos da obra. Constatamos, uma vez mais, a presença, em cada um dos capítulos – sem exceção –, de características que remeteram ao jornalismo informativo, opinativo, interpretativo e diversional, menos utilitário.

Observamos a emergência do comentário, predominante na categoria opinativa, em momentos onde Moraes (2011) deixou transparecer sua opinião sobre determinados fatos, personagens ou instituições presentes na narrativa, como mostra o excerto abaixo, retirado do capítulo três:

[...] Quando publicou uma série de entrevistas com o arqui-inimigo da Revolução Cubana Luis Posada Carriles, nas quais ele fazia escandalosas revelações sobre as relações das organizações anticomunistas com o terrorismo, o jornalista Larry Rohter [...] sentiu de perto o *bafo mafioso* do anticomunismo. (MORAIS, 2011, p. 85. Grifo nosso).

Na categoria interpretativo encontramos, principalmente, trechos com características dos gêneros perfil, onde o autor descreveu características dos personagens da trama, e cronologia, nos quais elencou sequências de fatos relacionados, conforme as datas ou anos em que foram ocorrendo. Em uma ocasião encontramos um curioso elemento do gênero dossiê. Trata-se de um organograma que mostra, com fotografias dos integrantes, a escala hierárquica da Rede Vespa, como era chamado o grupo de espiões cubanos infiltrados em grupos anticomunistas americanos – tema central da obra.

4.5 Cem quilos de ouro

No caso de “Cem quilos de ouro: e outras histórias” (MORAIS, 2003), utilizou-se como método a análise individual de cada um dos 12 capítulos do livro. A categoria utilitário aparece uma vez, no capítulo dez (p. 255-275), como mostra o trecho: “Terminada a visita, volte à Rodovia 1 e tome o caminho de Big Sur. Depois de cem quilômetros e de passar por penhascos que lembram a costa amalfitana, na Itália, você estará entrando no território dos malditos e da *beat generation*” (MORAIS, 2003, p. 268-269). Em todos os demais capítulos observamos a existência das categorias informativo, opinativo, interpretativo e diversional.

Destacamos a presença constante dos gêneros história de interesse humano e história colorida, dentro da categoria diversional. Um exemplo se pode observar no excerto a seguir, de história colorida, extraído do capítulo oito, “O Napoleão do Planalto”.

Enquanto toma café com leite, bolachas, mel, queijos Polenghinho e Catari, faz anotações à margem do clipping para cobrar mais tarde dos ministros e auxiliares. (...) No fim da refeição, toma um copo de suco – uma mistura de cenoura, mamão e maçã, batida num dia com suco de laranja, no outro com suco de limão. De vez em quando turbina a mistura com um pouco de guaraná em pó (MORAIS, 2003, p. 217).

Na categoria informativo predominou o gênero entrevista, na maioria das vezes com citações entre aspas, como observamos no capítulo três, “Primeiro rascunho de *A Ilha*”, em uma referência à obra lançada pela em 1984: “‘Um país com problemas habitacionais não pode se dar ao luxo de oferecer apartamento para esse tipo de desfrute’, disse um jornalista divorciado, que mora num hotel” (MORAIS, 2003, p. 92).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando a análise já iniciada, é possível afirmar que os modelos distintos de textos operam como indexadores/indicadores de uma estrutura mais complexa na obra não-biográfica de Fernando Morais. Trata-se, sobretudo, de uma narrativa que dialoga tanto com a literatura como com o jornalismo, e que empresta forma e identidade específicas ao dispositivo e ao sistema em que ele se encontra. Compreender o que essa metamorfose representa para além de sua estrutura e matriz genética é o desafio que se apresenta daqui para frente.

REFERÊNCIAS

BARTHES, R. *Análise estrutural da narrativa*. 5. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2008.

CHAPARRO, M. C. *Sotaques d'aquém e d'além mar: travessias para uma nova teoria de gêneros jornalísticos*. São Paulo: Summus, 2008.

COSTA, L. A. Gêneros jornalísticos. In: MELO, José Marques de Melo e ASSIS, Francisco de. *Gêneros jornalísticos no Brasil*. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2010.

FERREIRA, J. *O conceito de dispositivo: explorando dimensões de análise*. *Educat*, v. 7, n. 2, jul. – dez. 2003.

LUHMANN, N. *Introdução à teoria dos sistemas*. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

MELO, J. M.; ASSIS, F. *Gêneros jornalísticos no Brasil*. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2010.

MORAIS, F. *Cem quilos de ouro* (e outras histórias de um repórter). São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

_____. *Os últimos soldados da guerra fria: a história dos agentes infiltrados por Cuba em organizações de extrema direita nos Estados Unidos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

_____. *Corações sujos: a história da ShindoRenmei*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

_____. *A Ilha: um repórter brasileiro no país de Fidel Castro*. São Paulo: Alfa Ômega, 1984.

_____. *Transamazônica*. São Paulo: Brasiliense, 1970.

MOUILLAUD, M. *O jornal: da forma ao sentido*. Brasília: Editora Paralelo 15, 1997.

PEREIRA LIMA, E. *Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura*. Barueri: Manole, 2009.

REIS, C.; LOPES, A. C. M. *Dicionário de teoria da narrativa*. São Paulo: Ática, 1988.

SODRÉ, M. *A narração do fato: notas para uma teoria do acontecimento*. Petrópolis, RJ: Vozes 2009.

SOSTER, D. A. *Narrativas comunicacionais complexificadas*. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2012.

_____. A.. A midiáticação das narrativas na seção Diário da Revista Piauí. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES DE JORNALISMO, 9., 2011, Rio de Janeiro, Anais...

_____. Auto-referência e co-referência nas páginas do jornal Folha de S.Paulo. In: ENCONTRO NACIONAL DOS PESQUISADORES DE JORNALISMO, 7., 2009, São Paulo. Anais...

_____. *O jornalismo em novos territórios conceituais: internet, midiáticação e a reconfiguração dos sentidos midiáticos*. São Leopoldo, 2009. Tese (Doutorado em Comunicação), Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2009a.

_____. Modelo para análise do jornalismo midiaticado. In: _____. *Metamorfoses jornalísticas 2: a reconfiguração da forma*. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2009b.

TODOROV, Tzvetanet. *Análise estrutural da narrativa*. 5. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2008.